

INSTITUTO UNIVERSITARIO DA MAIA – ISMAI

ENSINO
SUPERIOR E
LUSOFONIA



- Schuré, Édouard. Os grandes iniciados. São Paulo: Artes Gráficas Guarú, 1986.
- Singh, Simon. O último teorema de Fermat: A história do enigma que confundiu a maiores mentes do mundo durante 358 anos. 14. ed. Rio de Janeiro: Editor Record, 2008.
- Siqueira, Ethevaldo. Acreditem: a matemática pode ser fascinante. Extraído de <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detailhe.jsp?id=40800>>. Acessado em: 1 de Agosto de 2012.
- Tabak, Fanny. O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- Taham, Malba. As maravilhas da matemática. 4. ed. São Paulo: Bloch, 2006.
- Uma Mente Brilhante. Direção: Ron Howard. Produção: Ron Howard, Brian Graze. Intérpretes: Russell Crowe, Ed Harris, Jennifer Connelly. Roteiro: Akiva Goldsman. Universal Studios e DreamWorks, 2001. 1DVD (2h 15min).
- Waithe, Mary Ellen. The history of women philosophers. Londres: Kluwer, 1987.

Notas

- 1 Mattel Toys é a maior empresa de brinquedos do mundo, cujo ícone é a boneca Barbie.
- 2 Plêiades é o aglomerado de estrelas mais brilhante em todo o céu, localizado na constelação do Touro (Taurus). As Plêiades também são conhecidas por vários outros nomes tais como "Sete Irmãs", como "M 45" pela classificação do catálogo Messier, e como "Subaru" no Japão. Seis das estrelas nas Plêiades são visíveis sem o auxílio de telescópios. Aproximadamente 500 estrelas pertencem a esse aglomerado e a maioria delas é fraca.
- 3 Ethevaldo Siqueira é jornalista, especializado em tecnologia da informação. Foi um dos fundadores da *Revista Nacional das Telecomunicações* e ganhou dois Prêmios Esso na categoria Informação Científica, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Atualmente, tem uma empresa de consultoria em telecomunicação, a Telequebra.
- 4 Instituto de Tecnologia de Massachusetts, localizado nos Estados Unidos. É um dos líderes mundiais em ciência e tecnologia.
- 5 É o ramo da astronomia que estuda a origem, estrutura e evolução do Universo a partir da aplicação de métodos científicos.
- 6 Um novo tipo de conjunto no espaço quadrimensional que aparece na Álgebra Abstrata.
- 7 Fanny Tabak é socióloga e Doutora em Sociologia pela Universidade Lomonosov. Foi uma das pioneiras no estudo das questões relacionadas às mulheres na sociedade brasileira.

Prof. Doutora Marisalva Fávero
Professora do Instituto Universitário da Maia – ISMAI



Problematizando as questões de género e sexualidade no ensino superior

Introdução

Começamos a nossa intervenção propondo aos leitores/as as seguintes reflexões: Porquê problematizar as questões de género e sexualidade no ensino superior? Qual a pertinência de incluir as questões das sexualidades, dos géneros no ensino superior? Quais são os limites e as possibilidades de uma educação para a sexualidade no ensino superior? Como operacionalizá-la? Faz sentido para os/as estudantes de todos os cursos superiores?

Apoiamo-nos inicialmente em Edgar Morin, no seu ensaio "Sobre a reforma universitária" (2009), de que a Universidade é uma instituição transecular e transnacional. E que após 900 anos da fundação da mais antiga Instituição de Ensino Superior, a Universidade de Bolonha, pode-se afirmar que a Universidade é a única instituição que conseguiu manter, ao longo dos séculos, o monopólio da educação em nível superior, legitimando o seu papel de instituição irradiadora e produtora do conhecimento.

Nos vários espaços educativos é transmitida a mensagem, proveniente de várias instâncias sociais através das suas ideias e significados, sobre o que é ser homem ou mulher e sobre o que é aceitável e permitido em relação aos géneros e às sexualidades.

Espaços educativos são todos os que promovem o ensino, são espaços sociais implicados na produção e troca de conhecimentos e saberes e que, de alguma forma, ensinam-nos modos de ser e estar no mundo, construindo e (re)produzindo significados sociais (Longaray & Ribeiro, 2015).

Com este olhar, concluímos que um espaço educativo não se reduz à escola que oferece o ensino regular/obrigatório, mas espaços educativos são todos os que exercem pedagogias. A educação ocorre, portanto, em diversos espaços sociais, universidades, *media*, instituições religiosas, jurídicas, de saúde, de trabalho.

Neste sentido, como produtora e não só reprodutora de conhecimento, a Universidade configura-se como um contexto educativo privilegiado para refletir sobre

diversidade sexual e de género, equidade de género, violência de género e as diferentes formas de assédio, violência homofóbica, entre outros assuntos.

Enquadrar as questões de género no contexto universitário possibilita aos/as estudantes o contacto com investigações atualizadas e a reflexão sobre as suas próprias atitudes e sobre o seu papel como disseminadores/as destas aprendizagens. A Universidade oferece a possibilidade de uma reflexão baseada em informação sistematizada, científica, atualizada, de forma crítica e reflexiva. Por outro lado, é um contexto abrangente. Com a democratização do acesso ao ensino universitário, pode-se fazer chegar a mensagem da igualdade, da não-violência de género a várias pessoas. É legítimo pensar que a maior abrangência é dos *media*. Sim, mas os meios de comunicação social também recorrem às produções científicas das universidades para fundamentar as suas notícias. Por isso, podemos dizer que através dos saberes produzidos juntamente com os/as alunos/as podemos chegar também através dos *media* a mais pessoas, recorrendo a uma terminologia adequada e inclusiva.

Saffioti (1989, p. 16), socióloga brasileira, defende que na sociedade ocidental, "a dominação e exploração de muitos por poucos, a exploração das classes subalternas pelas dominantes não é único princípio estruturador das relações sociais". São três os princípios organizadores das relações sociais. A *dominação*, que se refere à subordinação de uma classe sobre outra, neste caso, classes dominantes sobre as classes inferiores. O *patriarcado*, "ordem de domínio de uns homens sobre outros e de alienação entre as mulheres" (Saffioti, 1989, p. 18), podendo haver outras configurações (e.g., raça branca, pessoa rica, dotada de poder institucional), que legitima a assimetria das relações de género, neste caso, a subordinação das mulheres aos homens. Por fim, o *racismo*, que dá às pessoas de raça branca o direito a definir o lugar de outras raças na estrutura social. O mundo resultante é assimétrico, desigual e alienado, de carácter androcêntrico, misógeno e homofobo (Barragan, 2006).

Nesta linha de entendimento, a violência é um recurso legitimado, ou pelo menos tolerado socialmente através do qual os homens, os/as brancos e os/as ricos/as são detentores do poder de determinar os comportamentos sociais aceitáveis (Saffioti, 1999).

Na perspetiva de Lombard (2015), a violência doméstica, a violência conjugal e a violência de género têm as suas raízes nas desigualdades estruturais entre os géneros que tanto é uma causa como consequência deste tipo de violência. Violência que apresenta várias faces, desde a psicológica à financeira, passando pela física e sexual, e que também pode ser uma combinação destas no mesmo período de tempo.

Vários/as estudiosos/as têm-se dedicado, por exemplo, a analisar o crime sexual como um crime de género ao vitimizar significativamente mais mulheres que homens. Confirmando evidências internacionais, em Portugal, os dados da Polícia Judiciária dos últimos anos sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes indicam que a maioria das vítimas é menina (Mateus, 2012).

Por isso é urgente ampliar os espaços formativos de debate sobre os significados do impacto da ordem de género nas vivências das mulheres e da sociedade, os contextos de legitimação da violência contra mulheres, meninas e adolescentes, as questões culturais e sociais relacionadas a esta violência e as leis que a condenam.

Problematizando as questões de gênero e sexualidade no ISMAI

As questões dos gêneros, das sexualidades e da diversidade têm sido um tema de preocupação do Instituto Universitário da Maia. Esta preocupação está refletida na organização dos programas dos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento, na existência de unidades funcionais dentro das Unidades de Investigação, voltadas para a realização de investigação e intervenção na área da igualdade de gênero, na organização de eventos científicos e no financiamento concedido aos/às docentes e investigadores/as para a participação em outros eventos científicos.

De salientar que, no âmbito da igualdade de gênero e/ou violência de gênero, foram realizadas dezenas de dissertações de mestrado nas Unidades de Investigação em Desenvolvimento e Psicologia e de Investigação em Criminologia e Ciências do Comportamento do ISMAI (Tabela 1).

Tabela 1- A problematização das questões de gênero no ISMAI

<p>1) Cursos/Programas de formação contínua</p> <ul style="list-style-type: none"> - Projeto WebEducaçãoSexual (www.webeducaçãosexual.com): projeto internacional com parceiros portugueses e brasileiros e com inserção em vários países da lusofonia.
<p>2) Cursos/Ciclos de estudos, conferentes de grau académico ou não conferentes de grau académico</p> <ul style="list-style-type: none"> - Licenciatura em Criminologia (Vitimologia I e II, Sociologia II, Intervenção Psicológica com Vitimas e Ofensores I e II) - Licenciatura em Psicologia (Psicologia Social II, Psicologia Comunitária e Psicologia da Sexualidade) - Mestrado em Criminologia (Vitimologia) - Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação (Vitimologia; Psicologia do desenvolvimento e CicloVital) - Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (Intervenção Psicológica em Grupos) - Doutoramento em Psicologia Clínica (Intervenções Clínicas com Populações Específicas - Adultos)
<p>3) Eventos sobre Sexualidade, Género, Diversidade, Violência de Género. II COES, Conferência Internacional Online de Educação Sexual</p> <p>III COES, Conferência Internacional Online de Educação Sexual</p> <p>Seminário Luso Internacional "Quando a face da violência é o sexo"</p> <p>Seminário Luso Brasileiro "Quando a face da violência é o sexo: a NÃO violência contra asmulheres"</p> <p>II Fórum sobre a Articulação das entidades competentes na violência contra mulheres e crianças</p> <p>Iº, IIº e IIIº Encontro Internacional Brasil-Portugal sobre a Violência na Contemporaneidade.</p> <p>Seminário Interdisciplinar Género e Ciências Sociais</p>
<p>Projetos de investigação</p> <p>Projetos de investigação realizados na Unidade de Investigação em Desenvolvimento Humano e Psicologia - UNIDEP e na Unidade de Investigação em Criminologia e Ciências do Comportamento - UICCC</p>

A nossa curiosidade estendeu-se aos outros parceiros das igualdades lusófonas, em Portugal e noutros países. Sem pretendermos ser exaustivos/as, apresentamos em seguida (Tabela 2 e Tabela 3) alguns exemplos da realidade de algumas universidades portuguesas, moçambicanas e brasileiras.

Tabela 2 – A problematização das questões de género em outras universidades portuguesas

<p>Portugal</p> <p>1) Universidade Lusófona Mestrado Transdisciplinar de Sexologia</p> <p>2) Licenciatura em Enfermagem, IPP Portalegre Educação para a sexualidade em crianças e jovens</p> <p>3) ESE de Lisboa e do Instituto Politécnico da Guarda Unidade curricular de Educação para a Saúde dos cursos de enfermagem- abordam a educação sexual: "Conceito de sexo, sexualidade, educação sexual e educação para a sexualidade...."</p> <p>4) Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica De Lisboa Mestrado em Família e Género</p> <p>5) Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Católica Portuguesa EducaçãoSexual</p>
--

Tabela 3 – Alguns exemplos de universidade estrangeiras de língua portuguesa

<p>Moçambique</p> <p>Três universidades públicas e uma privada tem tratado explicita e formalmente as questões da sexualidade e género:</p> <p>1) Universidade pedagógica: oferece Unidades curriculares formais na formação docente e nos cursos técnicos como temas transversais.</p> <p>2) Universidade Eduardo Mondlane: Possui cursos que versam direta ou indiretamente sobre o tema (e. g., Departamento de Antropologia e Arqueologia, Curso de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação).</p> <p>3) Unizambeze, universidade pública que tem demonstrado interesse na temática, sobretudo as questões de género na interface com a agricultura e desenvolvimentorural.</p> <p>4) Universidade Católica de Moçambique: Mestrado sobre sexualidade e prevenção da SIDA</p>
<p>Brasil</p> <p>Vários cursos em várias universidades têm incluído formal e informalmente as questões de género e o tema das sexualidades.</p>

Como operacionalizar a introdução das questões de género no ensino superior? A abordagem das questões de género será possível através da sua inclusão mais *funcional* nos programas dos cursos de licenciatura, e.g. unidade curricular de sexualidades, géneros, diversidades e mais *pessoal*, oferecendo espaços que visem o desenvolvimento pessoal e profissional.

Reflexões finais

Para finalizar pretendemos deixar uma mensagem de preocupação, otimismo e esperança.

É urgente trazer o debate das questões de gênero para todos os espaços educativos, formar cidadãos/cidadãs conscientes da sua responsabilidade no combate às desigualdades, no compromisso com uma sociedade mais igualitária, mais plural e mais inclusiva.

Não podemos deixar de enaltecer as conquistas de vários/as acadêmicos/as, docentes, investigadores/as que têm lutado e conseguido implantar cursos, unidades curriculares, promover eventos científicos nas suas universidades, levando o debate sobre as desigualdades para a agenda científica e pedagógica.

Por fim, transmitir a mensagem de que não é necessário grandes ações. Com pequenos passos de muitos/as, cada um/a dentro das suas áreas de atuação e das suas limitações, poderemos aspirar grandes conquistas na igualdade de gênero, no respeito pela diversidade, na ética nas relações.

Referências Bibliográficas

- Barragán, F. (Coord.) (2006). *Violencia, género y cambios sociales*. Málaga: Aljibe.
- Lombard, N. (2015). Gendered violence: a cause and a consequence of inequality. In F. Bettio & S. Sansonetti (eds.), *Visions for Gender Equality* (pp. 63-66). Luxemburgo: European Commission. doi: 10.2838/00811
- Longaray, D. & Ribeiro, P. (2015). Educational spaces and the production of gay, transvestite and transsexual subjectivities. *Revista Brasileira de Educação*, 20(62), 723-743. doi: 10.1590/S1413-24782015206209
- Mateus, M. (2012). *Prevalência de abuso sexual em crianças portuguesas*. Dissertação de Mestrado (não publicada). ISPA, Lisboa.
- Morin, E. (2009). Sobre a reforma universitária. In M. C. Almeida & E. A. Carvalho (Orgs.), *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. (pp. 13-26). São Paulo: Cortez.
- Saffioti, H. (1989). A síndrome do pequeno poder. In M. Azevedo & V. Guerra (Eds.), *Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder* (pp. 13-21). São Paulo, SP: Iglu.
- Saffioti, H. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva*, 13 (4), 82-91. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>